



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ARY ANDSON DE BRITO DELFINO

***O DOADOR DE MEMÓRIAS: MEMÓRIA COMO PRIVILÉGIO E MEMÓRIA COMO
RESISTÊNCIA***

**GUARABIRA
2023**

ARY ANDSON DE BRITO DELFINO

O DOADOR DE MEMÓRIAS: MEMÓRIA COMO PRIVILÉGIO E MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: Gênero e cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D543d Delfino, Ary Andson de Brito.

O doador de memórias [manuscrito] : memória como privilégio e memória como resistência / Ary Andson de Brito Delfino. - 2023.

19 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH. "

1. O doador de memórias. 2. Memória . 3. Privilégio. I.

Título

21. ed. CDD 981

ARY ANDSON DE BRITO DELFINO

O DOADOR DE MEMÓRIAS: MEMÓRIA COMO PRIVILÉGIO E MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: Gênero e cultura.

Aprovada em: 04/07/2023.

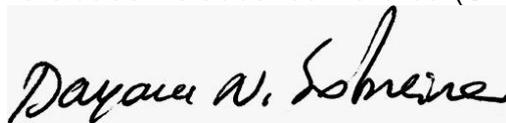
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Joedna Reis de Menezes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por acreditarem no poder da educação, DEDICO.

“Eu achava que, ao eliminar metade dos seres vivos, a outra metade iria prosperar. Mas vocês me provaram que isso é impossível. Enquanto existirem alguns que se lembram do passado, sempre haverá aqueles que não aceitam o que pode ser. Eles vão resistir” (Thanos).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Cena que mostra a realidade monocromática imposta	08
Figura 2 –	Encontro-treinamento de Jonas	10
Figura 3 –	Jonas e Fiona (destaque para a cor do cabelo)	11
Figura 4 –	Jonas e Fiona (compartilhamento de cores)	12
Figura 5 –	Questionamento de Jonas (em 00:55:59/01:37:17)	15
Figura 6 –	Fuga de Jonas (em 01:13:57/01:37:17)	16
Figura 7 –	A casa de uma de suas memórias (em 01:27:42/01:37:17)	17

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A MEMÓRIA COMO PRIVILÉGIO	09
3	A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA	13
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	17

O DOADOR DE MEMÓRIAS: MEMÓRIA COMO PRIVILÉGIO E MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

Ary Andson de Brito Delfino*

RESUMO

Com base na análise do filme de ficção *O doador de memórias* (2014), analisaremos, no presente artigo, a noção de memória enquanto privilégio e a potencialidade da memória como resistência. Nesse sentido, a memória como privilégio pode ser percebida como um dos temas centrais abordados na obra fílmica e, fora da ficção, tem relação com a seleção dos registros de memória que vão compor a chamada “história oficial”. Já a noção de memória como resistência — tema também presente na obra em análise — abordaremos a partir da perspectiva da autora Flávia Schilling (2009).

Palavras-Chave: O doador de memórias; memória; privilégio.

ABSTRACT

Based on the analysis of the fictional movie *The Giver* (2014), in this article we will analyze the notion of memory as a privilege and the potential of memory as resistance. Memory as a privilege we perceive as one of the central themes addressed in this filmic piece of work – and, outside of fiction, it is related to the selection of memory records that will compose the so-called “official history”. The notion of memory as resistance – a theme also present in the piece under analysis – will be approached from the perspective of the author Flávia Schilling (2009).

Keywords: The Giver; Memory; Privilege.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo examinar a sociedade contemporânea e a importância da preservação da memória histórica, assim como o impacto da manipulação da memória coletiva na moldagem dessa sociedade. Para tal reflexão, será utilizado o filme *O Doador de Memórias* (2014), baseado no livro *Doador* (1993), da autora Lois Lowry, juntamente com outras referências relevantes para uma leitura crítica da relação entre memória e sociedade.

Na trama da obra de ficção fílmica, a memória coletiva é transmitida apenas a um grupo restrito, com o propósito de utilizar as experiências vividas por outras pessoas, como exemplo para evitar a repetição de erros do passado. Esse grupo vive em uma comunidade controlada, na qual suas conquistas e autorrealização não são mais relevantes, pois todas as atividades, as profissões e os relacionamentos são determinados pelo sistema. Tal sociedade é apresentada como uma utopia, sem guerras ou fome, em que não existem vencedores nem perdedores. Nesse cenário, a

*Graduando em licenciatura plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: ary.delfino@aluno.uepb.edu.br.

alimentação, o clima e a reprodução são controlados pelo sistema, o qual também manipula as pessoas por meio do uso obrigatório de medicamentos que suprimem as emoções e as memórias. Como resultado, as pessoas deixam de viver de forma autônoma, tornando-se como robôs.

Nesse filme, somos apresentados a Jonas, um adolescente que não se encaixa nos padrões e possui pensamentos divergentes em relação à realidade monocromática imposta. Essa realidade é perceptível na imagem da cena a seguir, pois todas as pessoas da comunidade viam o mundo dessa forma:

Figura 1 – Cena que mostra a realidade monocromática imposta



Fonte: Proibido Ler (2014)¹.

Nesse contexto, a falta de pluralidade de ideias, da paleta de cores e das memórias influencia a percepção, levando-nos a refletir sobre os conflitos que podem ter levado ao colapso daquela sociedade. Nesse processo, abre-se mão do que é esperado em uma sociedade saudável.

No enredo do filme, a sociedade retratada é marcada pela busca da uniformidade, em que as emoções são suprimidas e as memórias individuais são apagadas com o intuito de manter a ordem estabelecida. Para tanto, as autoridades controlam e manipulam a memória coletiva, moldando a visão de mundo das pessoas e restringindo sua capacidade de vivenciar e expressar emoções autênticas. Tal manipulação da memória coletiva exerce um impacto profundo na construção dos sujeitos.

Nessa direção, ao privar as pessoas de suas memórias pessoais e coletivas, a sociedade em questão busca controlar e homogeneizar as experiências humanas. Dessa forma, a ausência do acesso às próprias memórias e à diversidade de experiências emocionais limita a capacidade dos indivíduos de se conhecerem e de se conectar, verdadeiramente, com os outros.

Percebemos, então, que a análise crítica da sociedade contemporânea e a reflexão sobre a manipulação da memória coletiva são temas centrais no filme *O Doador de Memórias* (2014). Através da obra, somos levados a questionar a importância da autonomia individual, da diversidade de experiências e de memórias,

¹ Disponível em: <https://www.proibidoler.com/resenhas/o-doador-de-memorias/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

e do papel fundamental que a memória desempenha na formação de nossa identidade e na construção de relacionamentos significativos. Com base no texto, analisaremos a memória enquanto **privilégio** e enquanto **resistência**. Nossa inspiração teórica serão as reflexões de Flávia Schilling (2009), sobre construção da memória enquanto resistência, as de Ecléa Bosi (1996), no que tange à memória coletiva, e as de Walter Benjamin (1984), sobre o empobrecimento da experiência no que denominou de cultura do vidro.

2 A MEMÓRIA COMO PRIVILÉGIO

O filme *O Doador de Memórias* (2014) retrata uma sociedade controlada na qual a manipulação da memória coletiva é utilizada como forma de manter a ordem e suprimir as emoções. Tal manipulação influencia diretamente a construção da identidade individual, as interações sociais e a formação da visão de mundo dos indivíduos. Na trama, a memória coletiva é transmitida apenas a um grupo restrito, com o objetivo de evitar a repetição de erros do passado, momento em que a memória se torna privilégio de um grupo social. As experiências passadas não chegam mais a toda população. As pessoas responsáveis por receberem as memórias do grupo, avatares de memórias, não podem repassá-las. Assim, as verdades do passado são passadas apenas a alguns selecionados, os quais podem influenciar a sociedade.

Essa privação das memórias individuais e coletivas compromete a formação da identidade e dificulta o estabelecimento de conexões emocionais autênticas. Nesse sentido, as pessoas perdem a capacidade de se conhecerem verdadeiramente e de se conectarem com os outros de forma profunda. A ficção cinematográfica descreve uma sociedade pautada pela formalidade automática, a qual está toda formatada, esquecida de que esses padrões e formatos não são naturais, afinal, não partimos do mesmo ponto, uma vez que não temos as mesmas oportunidades.

Na narrativa fílmica, o protagonista Jonas — que será escolhido para ser o receptor das memórias da comunidade —, inicialmente, é retratado apenas como mais um jovem adulto que ousa cobiçar o conhecimento e é expulso de tal ambiente por esse ato (esse episódio tem semelhanças com cena da maçã no paraíso cristão). Na comunidade em que o personagem habita, as pessoas vivem anestesiadas, já que não se perguntam o que está errado ou se algo está faltando. Nessa conjuntura, as coisas que fazem o ser humano ser humano, não lhe eram permitidas, dado que o uso de medicamentos controlava a capacidade reflexiva da comunidade, mas Jonas, ainda adolescente, recebe a incumbência de ser o próximo receptor de memórias e passa a ser treinado por um personagem mais velho, chamado de **o doador**. Na imagem a seguir, temos uma cena desse encontro-treinamento entre os dois:

Figura 2 – Encontro-treinamento de Jonas



Fonte: Proibido Ler (2014)².

No encontro com o mais velho, o mundo monocromático em que Jonas vivia começa a ruir: ao receber as memórias ancestrais, entra em contato com a dor, a tristeza, a alegria e todos os ditos sentimentos que são comuns a espécie humana. Ele começa a questionar, ao entrar em contato com o conhecimento proibido aos demais, as emoções, a diversidade de crenças e os moldes de uma sociedade tida como livre. Nessa perspectiva, o personagem percebe que vive em uma sociedade governada por anciões, a qual tem apenas o recebedor de memórias como arauto da sabedoria, aconselhando os líderes políticos no presente e usando a memória do passado como privilégio.

Por esse ponto de vista, o mundo monocromático nos remete a descrição que Walter Benjamin (1994) fez de uma época marcada pelo que denominou de “cultura do vidro”. No texto *Experiência e pobreza*, o autor fez o diagnóstico de um mundo pobre em experiências comunicáveis: dizia que uma nova forma de miséria havia se instalado com o que nomeava de “monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (p. 115). Essa investigação revelou algo que afetaria profundamente a relação entre a história e a narração, pois, para ele, a metáfora do vidro poderia muito bem descrever essa sociedade. Assim, ele nomeia uma cultura semelhante às características do material, já que o vidro é “tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério” (BENJAMIN, 1994, p. 117). Tal substância é fria, sóbria e sem aura, como o mundo monocromático no qual o personagem Jonas vivia.

Quase como em um sistema de castas, sem possibilidades de mudanças sociais, o jovem Jonas se vê confuso por se achar diferente dos demais, ao mesmo tempo que nutre sentimentos por sua colega, Fiona. Algo simples, como ver o cabelo vermelho da Fiona, não é permitido aos outros, já que o uso de remédios inibidores, deixa a realidade monocromática:

² Disponível em: <https://www.proibidoler.com/resenhas/o-doador-de-memorias/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Figura 3 – Jonas e Fiona (destaque para a cor do cabelo)



Fonte: Blog do Bem Oliveira (2014)³.

Dessa maneira, acessar a realidade em cores, para além do vidro, é permitido a Jonas, pois ele é o escolhido. Segundo as regras dos dirigentes, ele possuía os quatro atributos necessários a um doador de memórias: inteligência, coragem, integridade e a capacidade de ver além. Nesse viés, os atributos que o diferenciava era o que o fazia ser quem era: um privilegiado, com um futuro que jamais imaginara que para si até então. Como receptor de memórias, ele estava livre, podendo fazer qualquer pergunta e, perante a mais significativa que lhe fizessem, ele poderia mentir. Um privilégio, aliás, reservado aos homens, desde que uma receptora de memórias sucumbiu quando entrou em contato com uma memória de perda. Nesse episódio, a doadora não resistiu ao fardo e desistiu do cargo ao ver uma criança ser morta.

Em face ao exposto, podemos pensar, também, na memória enquanto fardo, quando não pode ser compartilhada, o que poderia ter desencadeado a recusa da doadora. Nessa conjuntura, Benjamin (1994) diz que quando a experiência deixa de ser compartilhada, ela perde seu sentido, seu esvaziamento contribuiu para reduzir à cultura a uma era de reprodução, não mais de criação genuína.

Em relação às mulheres, na abertura do filme, recebemos indícios de que a sociedade seria igualitária. Sendo as profissões distribuídas pelo sistema, homens e mulheres teriam a mesma importância social, o que fica em evidência pelo fato de a governante chefe ser uma mulher. Porém, lhe é exigida a “perfeição”, pois as mulheres são reverenciadas porque só elas podem trazer novas crianças ao mundo. Percebemos, aqui, a centralidade do papel da maternidade, a ideia de que as mulheres são importantes por possuírem útero e, em virtude disso, poderem procriar. O dispositivo da maternidade, nessa sociedade perfeitamente controlada, é outro ponto central na obra fílmica. Vale ressaltar que existe uma cerimônia de distribuição das profissões quando crianças/adolescentes atingem determinada idade e a “mãe biológica” é uma delas. As jovens mulheres, ainda meninas, não tem autonomia sobre os seus corpos, os quais serão apenas meios para a próxima leva de peões que

³ Disponível em: <http://www.benoliveira.com/2015/11/resenha-o-doador-de-memorias-lois-lowry-editora-arqueiro.html>. Acesso em: 10 mar. 2023.

nascerão e farão a sociedade dita perfeita, monocromaticamente perfeita, continuar girando.

Nesse cenário, a diversidade de experiência é algo simples, mas que, se incentivada, muda a vivência e a forma como as pessoas se percebem em coletivo é anulada. Dessa maneira, as pessoas são indivíduos construídos como reflexo do exterior, reproduzindo o que lhes é ensinado como imutável. Quando não se tem a opção da escolha, alguém a faz para você, impondo falsas verdades, para manter a estrutura de poder e de governo. Assim, desconsidera-se que os animais humanos são seres políticos, as escolhas são mais que um ato automático, as quais dizem muito sobre a criação — ou alienação —, bem como a verdade pode ter mais de um lado. Nessa direção, as memórias não são reflexos do passado, mas sim as experiências que todos carregamos, as quais definem a cultura, a religião, as crenças, etc.

A partir disso, podemos dizer que um livro é apenas um livro? Nesse contexto, Jonas, no seu processo de receptor, vê e sente algo que não existe para os demais. Como ele poderia compartilhar algo com outros se não existe essa relação de trocas de experiências? Como em um sistema fechado, no enredo do filme, um sistema de profissões é definido pelo governo, os anciãos são apenas mais um nível das engrenagens que movem aquele mundo; também sem liberdade, apenas o receptor de memórias estaria apto a tal direito. Numa cena com a personagem Fiona, Jonas tenta compartilhar as cores, mas não era possível, dado que sua amiga Fiona não tinha a mesma liberdade que lhe fora dada. Assim, esse olhar em cores, como percebemos na imagem a seguir, só cabia ao doador:

Imagem 04 – Jonas e Fiona (compartilhamento de cores)



Fonte: Ah! E por falar nisso... (2014)⁴.

À vista disso, notamos que a manipulação da memória coletiva afeta as interações sociais, pois as emoções são consideradas perigosas e perturbadoras. Dessa maneira, a ausência de experiências compartilhadas e de memórias emocionais limitam a empatia e a compreensão mútua, resultando em

⁴ Disponível em: <https://www.aheporfalarnisso.com/2014/09/o-doador-de-memorias.html>. Acesso em: 10 mar. 2023.

relacionamentos superficiais e distantes. Tal questão é um dos casos que passam a atordoar Jonas, especialmente a partir de sua relação com Fiona.

Podemos inferir, a partir disso, que as memórias que Jonas recebe — passadas de doador a doador, ecoando como uma voz guiando alguém até encontrar outro indivíduo e começar tudo novamente — mobilizam nele questionamentos que estimulam atos de resistência. Em tempos de negacionismos, pensando no mundo atual, poderíamos, a partir do filme, perguntarmo-nos sobre quem tem acesso e lugar de registro das memórias em nossas sociedades? Como solucionar esse problema? Como promover a democratização do acesso às memórias passadas? Em vez de restringir esse conhecimento a um único indivíduo/doador (ou a um grupo de pessoas privilegiadas), a sociedade poderia estabelecer um conselho ou grupo responsável por compartilhar as memórias com todos os membros?

Uma solução para combater essa falta de liberdade de questionamento é promover a educação crítica desde cedo, haja vista que, ao ensinar os membros da sociedade a analisar e a questionar as informações que lhes são apresentadas, estaremos capacitando-os a desafiar as mentiras e buscar a verdade. Além disso, é importante estabelecer um ambiente seguro e encorajador, em que todos se sintam livres para expressar suas opiniões e questionar o *status quo*. Seria essa uma das funções das pessoas historiadoras? Dessa forma, todos teriam a oportunidade de aprender com o passado e contribuir para o desenvolvimento da sociedade? Nesse sentido, poderíamos pensar na memória enquanto resistência?

3. A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

Ecléa Bosi (1996), analisando os estudos de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva e sobre memória e história pública, afirma que

na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi” [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1996, p.55, grifos da autora).

A autora enfatiza a dimensão da memória individual, a qual depende do relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a religião, com a profissão, com os grupos de convívio e de referência, que são peculiares a cada pessoa — um espaço de trabalho, de reconstrução impossível na sociedade descrita em *O Doador de Memórias* (2014). Sem lembranças, sem representações, a construção da identidade individual é comprometida, assim como a capacidade de estabelecer relacionamentos autênticos.

Ressaltamos, então, a importância de preservar a memória individual e coletiva, pois essas memórias são fundamentais para a compreensão de nós mesmos, de nossa história pessoal e do mundo ao nosso redor. Nessa rota, as memórias e experiências compartilhadas desempenham um papel fundamental na formação da identidade, pois fornecem uma base para a compreensão de si mesmo e de sua história pessoal.

Ao terem suas memórias privadas, os indivíduos são privados de uma parte essencial de sua identidade, tornando-se mais suscetíveis à manipulação e à conformidade social. Se em *O doador de memórias* (2014) as emoções são

consideradas perigosas e perturbadoras, a falta de memórias individuais compartilhadas impede a criação de vínculos emocionais genuínos entre as pessoas. Desse modo, a ausência de experiências compartilhadas e memórias emocionais limitam a empatia e a compreensão mútua, resultando em relacionamentos superficiais e distantes.

Jonas, como herdeiro das memórias coletivas, demonstra a impossibilidade de conter as influências que as memórias trazem. Em paralelo ao filme, podemos observar a objetificação das emoções, dado que Jonas enfrenta conflitos internos sobre o que é certo ou errado em sua sociedade. A autonomia do indivíduo vai além da liberdade e está relacionada à articulação de verdades, que são resultados das experiências vividas. Uma memória histórica é baseada em registros deixados pelas pessoas, no entanto é importante considerar que esses registros não estão isentos da influência de escolhas, tornando-se suscetíveis a questionamentos. Tal fato é enfatizado por Bosi (1996), quando expõe que as pessoas repensam, com as ideias do tempo presente, as experiências passadas. Com base nas experiências que agora tinha acesso, Jonas repensava seu presente e a sociedade na qual vivia.

Em uma coletividade na qual cada indivíduo possui consciência crítica, várias verdades são criadas, cada uma com sua base (ou não) de verossimilhança. Mesmo compartilhando um idioma semelhante, divergências são naturais e saudáveis, pois contribuem para o processo de autoafirmação e reconhecimento. Desse modo, ideias mal intencionadas, negacionistas, excludentes e violentas nascem pequenas, mas crescem quando encontram apoio de pessoas que compartilham a mesma visão, mesmo que essa realidade seja resultado da ignorância histórica. Como exemplo, podemos citar as memórias da ditadura civil-militar no Brasil, as quais demonstram de que modo um passado de tortura e violência foi “apagado”, “esquecido”.

“Não é fácil falar de memória, não é fácil falar sobre resistência e é muito mais difícil falar sobre memória da resistência. E, quem sabe, imaginar o trabalho da memória, de construção da memória como uma forma de resistência” (SCHILLING, 2009, p. 141). Essa afirmação de Flávia Schilling — presa política na época da ditadura, que vivenciou as torturas e encarceramentos por longos anos no Uruguai (ROSA, 2013) — faz parte de um artigo-depoimento no qual a autora aponta para a construção de uma política de esquecimento muito presente na história da sociedade brasileira, o qual foi construído como não-memória/paralisação da memória. Entretanto, se a memória é fruto de manipulação, de criações monocromáticas, conforme afirma Schilling, também pode ser encarada como uma “arma”, visto que

a memória nos arma de alguma maneira [...] e nos fortalece para algum tipo de luta. Portanto, quando se pensa em memória, não se deve esquecer que ela é um fragmento, é individual e só pode se compor no coletivo. Igualmente não se pode perder a noção desta característica: a memória é uma arma (SCHILLING, 2009, p.144).

Aqui, encontramos a ideia de que a memória pode ser uma ferramenta de resistência, pois ela influencia as escolhas a serem feitas. A autora em questão, aponta para os vários significados da palavra resistência e retoma Michel Foucault (1979), lembrando que a resistência, na forma como emprega o conceito, pressupõe um saber sobre o poder: “a base da resistência acontece mediante o saber, pelo ato de conseguir produzir um questionamento das regras do jogo” (SCHILLING, 2009, p.147). Esses questionamentos nas regras eram vedados às pessoas da comunidade fílmica, já que não tinham acesso ao saber. Nessa conjuntura, Jonas percebe isso e questiona o doador que está ensinando sobre a responsabilidade deles e dos

doadores anteriores pelas pessoas não saberem que faziam coisas ruins — ou eticamente inaceitáveis em sociedades fora daquela —, como ilustrado na cena a seguir:

Figura 05 – Questionamento de Jonas (em 00:55:59/01:37:17)



Fonte: Captura de tela do filme feita pelo autor (2023)⁵.

Nessas indagações, temos, por exemplo, coisas ruins: o assassinato-descarte de crianças e idosos. Aqui, os idosos eram descartados quando não eram mais úteis, ou “funcionais” para a sociedade. Já os bebês, quando nasciam gêmeos, um deles era selecionado para morrer, dado que o controle da natalidade era uma das leis do local. Como as pessoas não tinham o senso de morte e de finitude, executavam uma das crianças, como se fosse apenas uma tarefa para a manutenção da comunidade. Essa descoberta transforma-se no ponto alto do filme, levando Jonas à resistência através da fuga com o bebê que trazia a marca dos doadores no pulso: ao levar consigo esse bebê, romperiam a transmissão das memórias para doadores. Nesse espaço, Jonas foge para o além do monumento que marca o mundo monocromático, a sociedade de vidro daquele grupo. Tal fuga serve para tentar fazer as pessoas voltarem a ter sentimentos e todas as memórias compartilhadas. Na cena seguinte, percebemos o vínculo afetivo entre Jonas e a criança:

⁵ Captura de tela do filme *O doador de memórias* (2014). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0IZ1KDGRSHTK19C7HGFV041J53/ref=atv_dp_share_mv.

Figura 6 – Fuga de Jonas (em 01:13:57/01:37:17)



Fonte: Captura de tela do filme feita pelo autor (2023)⁶.

Diante disso, ter acessado às memórias da comunidade e das pessoas que lhe foram ancestrais permitiu ao protagonista estabelecer um movimento de resistência ativa frente a estrutura do mundo monocromático que conhecia até então. A memória, enquanto saber e compartilhamento de experiências, funcionou como resistência, a qual pode ser entendida como

uma defesa de nosso direito de constituir a nossa própria lei, e tal constituição passa por defender, recuperar, constituir um saber, seja esse próprio, seja um saber do ofício, um saber do estilo de vida e das relações que desenvolvemos, ou ainda, um saber da experiência, de defender, de recuperar, construir o próprio tempo (SCHILLING, 2009, p.148).

Em busca de construir o próprio tempo, de defender a comunidade do mundo controlado, de retomar o compartilhamento de experiências, Jonas burlou o sistema, pediu ajuda a Fiona, ensinou-a a não tomar as medicações que mantinham as pessoas nesse mundo sem cores — e, assim, ela o ajudou a fugir com a criança —, ultrapassou o monumento que marcava o início daquela sociedade e encontrou a casa que havia vislumbrado em uma das memórias que recebeu:

⁶ Captura de tela do filme *O doador de memórias* (2014). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0IZ1KDGRSHTK19C7HGFV041J53/ref=atv_dp_share_mv.

Imagem 07 – A casa de uma de suas memórias (em 01:27:42/01:37:17)



Fonte: Captura de tela do filme feita pelo autor (2023)⁷.

Posto isso, na ficção fílmica, ultrapassar o monumento e estabelecer o movimento de resistência, a partir das memórias que recebeu, permitiu a comunidade voltar a ver o novamente o mundo em cores, em sua multiplicidade e acessar as experiências passadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o filme *O Doador de Memórias* (2014) ilustra, de forma contundente, como a manipulação da memória coletiva pode influenciar a construção do indivíduo em uma sociedade na qual as emoções são manipuladas. Dessa forma, a privação das memórias pessoais e coletivas compromete a formação da identidade individual e dificulta o estabelecimento de conexões emocionais autênticas. Assim, essa reflexão nos conduz à importância de preservar a memória individual e coletiva, bem como para valorizar as emoções genuínas, a fim de construir uma sociedade mais humanizada e inclusiva.

Para promover a igualdade na diversidade que é a sociedade, seria fundamental garantir que todas as pessoas tenham o direito de expressar sua individualidade e compartilhar suas experiências. Nessa direção, uma solução seria abolir o uso de medicamentos inibidores que restringem a percepção das cores e outros aspectos sensoriais. Dessa maneira, todos os membros da comunidade teriam a oportunidade de vivenciar plenamente suas emoções e apreciar a diversidade de formas de expressão.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

⁷ Captura de tela do filme *O doador de memórias* (2014). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0IZ1KDGRSHTK19C7HGFV041J53/ref=atv_dp_share_mv.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

O Doador de Memórias. Direção: Phillip Noyce. Estados Unidos. Produção: Orly Wiseman, 2014. streaming. (97min). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0IZ1KDGRSHTK19C7HGFV041J53/ref=atv_dp_s_hare_mv. Acesso em: 10 mar. 2023.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante**. São Paulo: FAPESP/Intermeios, 2013.

SCHILLING, Flávia. A memória como resistência ou a resistência como construção da memória. *In*: PADRÓS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M.; LOPEZ, Vanessa Albertinence; FERNANDES, Ananda Simões (organizadores). **Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória**. Porto Alegre: Corag, 2009, v.3, p. 141-178.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que me ajudaram a tornar este trabalho possível. Primeiramente, agradeço a Deus por me dar força e sabedoria para enfrentar os desafios ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Maria e Antônio, por me proporcionarem as condições para que eu pudesse concluir este curso. Mais do que isso, agradeço pelo amparo emocional e pelo amor incondicional. Sem vocês, nada disso seria possível.

Querida Susel Oliveira, gostaria de expressar minha profunda gratidão pelo seu apoio, orientação e paciência ao longo do meu trabalho de conclusão de curso. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Você me inspirou a buscar sempre o melhor e a nunca desistir diante dos desafios. Agradeço por ter sido uma mentora incrível e por ter acreditado em mim.

Também gostaria de agradecer aos meus colegas de curso, pelo companheirismo e troca de conhecimentos. Aos meus amigos e familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E eu não poderia esquecer da Coordenação de História, em especial, a maravilhosa Rilane, por me aturar por todos esses anos.

Esse trabalho é dedicado a todos vocês que tornaram essa conquista possível. Muito obrigado.